



Alimentos orgânicos: alternativa para a agricultura familiar catarinense

Rubens Altmann¹

De acordo com projeções da ONU (2004), a população mundial, hoje estimada em 6,5 bilhões de habitantes, deve aumentar em cerca de 754 milhões de pessoas até 2015. Existem cenários indicando que o processo de urbanização em curso na região da Ásia-Pacífico se traduzirá em uma migração campo-cidade da ordem de 600 milhões de pessoas até 2020, o que representa mais que toda a população atual da União Européia. No Brasil as previsões são de um aumento da população em torno de 22 milhões de pessoas até 2015. Para sustentar este crescimento populacional e fazer face ao intenso processo de urbanização que ocorre em algumas regiões do planeta, será preciso aumentar em muito a produção de alimentos.

Um outro fator deve contribuir para o aumento do consumo de alimentos: a renda *per capita* mundial vem progredindo em ritmo maior que a taxa de crescimento da população: 1,4% contra 1,35% ao ano, respectivamente (Weisser, 2005). Isto significa que as populações de menor renda (83% da população mundial) poderão se alimentar melhor. Considerando que há pouca terra arável disponível no mundo para ser incorporada às atividades agrícolas, o aumento da produção dependerá do aumento da produtividade e, portanto, da adoção de novas tecnologias.

Entretanto, à medida que novas tecnologias permitem “industrializar” o processo de produção na

agricultura (produção em larga escala, divisão do trabalho, redução de custos), será possível produzir quantidades maiores com menor número de produtores. Isto deverá ocorrer mais intensamente na área de grãos, carnes e biocombustíveis (“commodities”), e os produtores que não conseguirem se adaptar às condições de produção terão cada vez maiores dificuldades para se manter na atividade.

Se as oportunidades para os agricultores e para o agronegócio brasileiros se mostram muito favoráveis em médio prazo, não se pode dizer o mesmo para boa parcela dos agricultores catarinenses, já que são poucas as regiões favoráveis à produção de “commodities” em larga escala. O tamanho das propriedades e o relevo acidentado são os principais limitantes.

“O caminho para recuperar a vitalidade econômica, social e cultural de inúmeras comunidades rurais catarinenses passa pela conversão para outras atividades”

Além da perda gradativa de competitividade em grãos e carnes, o espaço rural catarinense vive um processo de envelhecimento de sua população. Dados extraídos do

Levantamento Agropecuário Catarinense (Santa Catarina, 2005) mostram que cerca de 45% dos produtores (chefes de família) têm mais de 50 anos e que 28,5% dos estabelecimentos rurais já não contam com filhos para suceder os pais. Estes são indicativos de que o êxodo rural no Estado continua em ritmo superior ao do número de jovens agricultores que sucedem os pais na atividade e que muitos agricultores não estão satisfeitos com a renda.

O caminho para recuperar a vitalidade econômica, social e cultural de inúmeras comunidades rurais catarinenses passa pela conversão para outras atividades. É preciso incentivar o desenvolvimento de cadeias produtivas que possibilitem maior agregação de renda e evitem o esvaziamento do espaço rural.

Em decorrência das mudanças nos hábitos dos consumidores, estão surgindo novas oportunidades de mercado, como os produtos típicos de território ou os produtos orgânicos. O homem do campo deixou de ser unicamente um produtor de alimentos. Ele passou a ser também responsável pela ocupação do território, pela preservação do ambiente e da paisagem e pela prestação de serviços, principalmente na área de lazer. Estas novas demandas e funções representam fontes de renda promissoras e, destarte, motivação para permanência no espaço rural.

Os alimentos orgânicos (ou bio-

¹Eng. agr., Dr., Epagri/Cepa, C.P. 1.587, 88034-001 Florianópolis, SC, fone: (48) 3239-3907, e-mail: altmann@epagri.rct-sc.br.

lógicos, como são conhecidos na Europa) constituem uma boa alternativa de renda para os produtores familiares de Santa Catarina porque as tecnologias são apropriadas à produção em pequena escala, os agricultores são receptivos a mudanças e a diversidade de solos e microclimas permite cultivar uma ampla gama de produtos.

O interesse pelos alimentos orgânicos ou biológicos vem aumentando devido à crescente preocupação da população com a sua saúde e com a qualidade dos alimentos que consome. Os recentes focos de gripe aviária em vários países europeus e asiáticos, por exemplo, causaram retração generalizada no consumo de carne de aves. Na Europa, ao contrário do que se imaginava ocorrer, consumidores que deixaram de comer carne de frango com receio da gripe aviária não a substituíram por carnes alternativas, mas por frutas e verduras orgânicas. Fica evidente o peso da opinião dos consumidores no mercado de alimentos e como este mercado está se tornando sensível e volátil.

Pesquisa desenvolvida pela Mori – importante agência britânica de pesquisa de mercado e de opinião pública (Organic..., 2006) – mostrou que um terço dos consumidores britânicos de alimentos orgânicos os compram porque consideram que fazem bem para a saúde (53%), têm melhor sabor (43%); são livres de organismos geneticamente modificados (30%), são ambientalmente corretos e respeitam o bem-estar dos animais (25%).

Para Darolt (2002), embora as motivações para o consumo variem de país a país, “percebe-se que existe uma tendência de o consumidor orgânico privilegiar, em primeiro lugar, aspectos relacionados à saúde e sua ligação com os alimentos, em seguida ao meio ambiente e, por último, à questão do sabor e frescor dos alimentos orgânicos”.

Estudo realizado em Santa Catarina (Zoldan & Karam, 2004) constatou que o receio de resíduos agrotóxicos e a preocupação com a qualidade dos alimentos, que estão relacionados com a saúde, constituem importantes motivos para a compra de alimentos orgânicos.

Embora as estatísticas sobre a produção orgânica sejam poucas e esparsas, a área mundial total manejada organicamente é estimada em 24 milhões de hectares (Willer & Yussefi, 2004) e existem mais 10,7 milhões de hectares de área de “cultivos selvagens” certificados como orgânicos.

O mercado mundial de alimentos orgânicos – que já não pode mais ser considerado um nicho – foi avaliado em US\$ 23 bilhões no ano de 2002. Este mercado vem ganhando importância em diversos países em desenvolvimento, como China, Brasil, Egito, Índia, África do Sul e Filipinas. Estados Unidos e Japão registram forte crescimento na demanda.

“Os alimentos orgânicos (ou biológicos, como são conhecidos na Europa) constituem uma boa alternativa de renda para os produtores familiares de Santa Catarina”

Diversos países, atentos à evolução do mercado de alimentos, estão implementando políticas para estimular a produção de orgânicos, entre eles o Canadá, que tem a pretensão de ser o líder mundial na agricultura orgânica. Na Alemanha discutem-se restrições ao modelo intensivo de agricultura e o governo volta-se para uma reestruturação de toda a política oficial para o setor. A agricultura orgânica vem se desenvolvendo melhor nos países que contam com ajudas governamentais.

A área cultivada com produtos orgânicos na União Européia totalizou 4,9 milhões de hectares em 2002, representando 4% da área cultivada total, e cresceu ao ritmo de 21% ao ano entre 1998 e 2002 (Rohner-Thielen, 2005). Dados da União Européia indicam que o mercado europeu de alimentos orgânicos deve alcançar, num período curto, de US\$ 40 a 50 bilhões.

No Brasil, a área certificada com produção orgânica saltou de 275.576ha em 2001 para mais de 800 mil hectares em 2003. O valor da produção orgânica certificada atingiu a cifra de US\$ 200 milhões em 2003 (Willer & Yussefi, 2004). O número de produtores é da ordem de 14 mil e a grande maioria (90%) é de pequenos proprietários familiares. Os consumidores adquirem a maior parte dos orgânicos em supermercados (45% das vendas), 26% em feiras e 16% em lojas especializadas. A maior parte dos produtos são frutas e verduras frescas, mas vem aumentando o número de agroindústrias que lançam no mercado produtos como chás, café, geléias, óleos, cereais integrais e laticínios.

Em Santa Catarina, pesquisa realizada por Oltramari et al. (2005) identificou 706 produtores de orgânicos, que cultivavam 5.922ha. A produção era realizada eminentemente por pequenos produtores (62% possuíam área inferior a 20ha), que se dedicavam à produção de hortaliças e frutas. A maior parte dos produtores catarinenses comercializa a produção diretamente com os consumidores, através de feiras livres ou de entrega direta. À época do levantamento, apenas 34% da produção era certificada.

A falta de mão-de-obra, de linhas de crédito específicas para esta atividade, a carência de técnicos especializados para a assistência técnica e de tecnologias apropriadas às condições catarinenses são alguns dos desafios que precisam ser vencidos para acelerar o desenvolvimento desta cadeia produtiva.

Não obstante a agricultura orgânica catarinense ainda estar em fase de maturação de investimentos, pesquisa realizada por Altmann & Oltramari (2004) na região da Grande Florianópolis constatou, para alguns indicadores econômicos, desempenho superior aos obtidos na agricultura convencional. Entre os hortifrutigranjeiros, verificou-se que o valor agregado pelos produtores orgânicos foi 25,2% superior ao obtido pelos produtores convencionais e que produziam a custos 29% menores. Estes dois indicadores ►

mostram bem a eficiência econômica e a competitividade da agricultura orgânica e o potencial que apresenta como alternativa de renda para os produtores familiares.

Como o mercado da produção orgânica é ainda incipiente, falta regularidade na oferta, melhor qualidade e apresentação dos alimentos e maior diversidade de produtos.

A forte valorização de preços dos produtos orgânicos constitui uma evidência de que a produção não é suficiente para atender a demanda. Na região da Grande Florianópolis constatou-se que os produtores de orgânicos recebem preços 37% a 152% maiores que os produtores convencionais do mesmo produto (Altmann & Oltramari, 2004). Em que pese a forte demanda e preços atrativos, não é raro os produtores terem dificuldades para vender a produção. Esta aparente contradição tem sua explicação. A entrada de novos operadores ou novos produtos no mercado constitui, com frequência, um enorme desafio para os agricultores, porque é preciso vencer a barreira dos canais de comercialização já estabelecidos e nem sempre eles têm os conhecimentos, os meios e a experiência necessários para romper os obstáculos, notadamente quando o comprador potencial é um supermercado. Os supermercados têm políticas definidas de suprimento, que incluem padrões de qualidade e apresentação, regularidade no suprimento, grandes quantidades, ampla diversidade (“mix”) de produtos, entre outras. Produtores que atuam isoladamente raramente conseguem produzir na escala necessária para suprir a demanda de supermercados.

“A forte valorização de preços dos produtos orgânicos constitui uma evidência de que a produção não é suficiente para atender a demanda”

A produção de alimentos de alto valor e qualidade, entre eles os orgânicos, representa importante alternativa para aumentar a renda de pequenos agricultores em Santa Catarina. Para tanto, precisa ser apoiada por instrumentos de política agrícola que facilitem acesso a crédito e investimentos, intensifiquem os esforços de assistência técnica e de pesquisa, evitem fraudes no comércio e harmonizem procedimentos de controle de qualidade e certificação.

“A produção de alimentos de alto valor e qualidade, entre eles os orgânicos, representa importante alternativa para aumentar a renda de pequenos agricultores em Santa Catarina”

Para que os produtores catarinenses possam tirar proveito desta “janela” de oportunidade representada pelo mercado de alimentos orgânicos, precisam organizar-se em associações ou cooperativas. Isoladamente, eles dificilmente serão competitivos ou conseguirão assegurar suprimento ao longo do tempo em escala e qualidade que facilite o acesso aos mercados e que viabilize e consolide esta promissora cadeia produtiva.

Literatura citada

1. ALTMANN, R.; OLTRAMARI, A.C. *A agricultura orgânica na região da Grande Florianópolis*; indicadores de desenvolvimento. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2004. 181p.
2. DAROLT, M.R. *Agricultura orgânica: inventando o futuro*. Londrina: IAPAR, 2002. 250p.
3. FAO REGIONAL CONFERENCE FOR EUROPE, 22., 2000, Porto, Portugal, *Food Safety and Quality as affected by Organic Farming*. Porto, Portugal, FAO, 2000.
4. OLTRAMARI, A.C.; ZOLDAN, P.; ALTMANN, R. *Agricultura orgânica em Santa Catarina*. 2.ed. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2005. 55p.
5. ONU. World Population Prospects: The 2004 Revision. Disponível em: <http://www.un.org/esa/population/publications/WPP2004/World_Population_2004_chart.pdf> Acesso: em 19 abr. 2006.
6. ORGANIC PRODUCTS EXPORTERS OF NEW ZEALAND INC. UK Organic Food Production – Latest facts and figures. Disponível em: <<http://www.organicnewzealand.org.nz/documents/ukfeb01.htm>> Acesso: em 7 abr. 2006.
7. ROHNER-THIELEN, E. L’agriculture biologique en Europe. Eurostat. Communautés Européennes, Agriculture et pêche. Statistiques en bref. 2005. Disponível em: <http://europa.eu.int/comm/agriculture/qual/organic/statfocus0705_fr.pdf> Acesso em: 11 abr. 2006.
8. SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural. *Levantamento agropecuário de Santa Catarina – 2002–2003*. Florianópolis, 2005. 255p.
9. WEISSER, A. Partnering for the future. Agrivision. Junho 2005. Bunge Limited.
10. WILLER, H.; YUSSEFI, M. The World of Organic Agriculture. Statistics and Emerging Trends. International Federation of Organic Agriculture Movements. Bonn. 2004. Disponível em: <http://www.soel.de/inhalte/publikationen/s/s_74.pdf> Acesso: em 27 set. 2006.
11. ZOLDAN, P.; KARAM, K.F. *Estudo da dinâmica da comercialização de produtos orgânicos em Santa Catarina*. Florianópolis. Instituto Cepa/SC, 2004. 181p.